

Dos souvenirs às máscaras de proteção: notas sobre turismo e produção de artesanatos em Cabo Verde em tempos pandêmicos

VINÍCIUS VENANCIO

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

vini.venancio2@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp225-234

resumo O artigo tem por objetivo contribuir com as discussões acerca do impacto da covid-19 em Cabo Verde, país-arquipélago africano. Sendo os fluxos constituidores dessa jovem nação, parto do *boom* do turismo no país para analisar as quebras de expectativas e mudanças ocasionadas pela pandemia do coronavírus, uma vez que este passou a representar 20% do PIB nacional ao longo da última década. Em consequência disso, abordo a situação de um grupo específico (as mulheres que anteriormente trabalhavam com a produção e venda de artesanatos para turistas) para explorar, do ponto de vista da vida prática, as mudanças provocadas pela pandemia nas suas vidas.

palavras-chave Turismo. Cabo Verde. COVID-19. Artesanato. Mulheres.

From souvenirs to face masks: on tourism and handicraft production in Cape Verde during the pandemic

abstract The article aims to contribute to discussions about the impact of COVID-19 in Cape Verde, an African archipelago. Being the flows the roots of this young nation, I started from the tourism boom in the country to analyze the breaking expectations and changes caused by the coronavirus pandemic. Tourism represented 20% of the national GDP over the last decade. The article addresses the situation of a group of women who previously worked with the production and sale of handicrafts to tourists. Doing so, the changes brought by the pandemic in their lives are explored considering the point of view of practical life

keywords Tourism. Cape Verde. COVID-19. Handicraft. Women.

El souvenir y la mascarilla: turismo y producción artesanal en Cabo Verde en tiempos de pandemia

resumen El artículo busca contribuir a las discusiones sobre el impacto del COVID-19 en Cabo Verde, país-archipiélago en África. Como los flujos que constituyen esta joven nación, partí del *boom* turístico en el país para analizar la caída de expectativas y cambios resultados de la pandemia, ya que ahora ha representado el 20% del PIB nacional durante la última década. Como resultado, abordo la situación de un grupo específico (mujeres que anteriormente trabajaban con la producción y venta de artesanías a turistas) para explorar, desde el punto de vista de la vida práctica, los cambios que trajo la pandemia en sus vidas.

palabras clave Turismo. Cabo Verde. COVID-19. Artesanía. Mujeres.

Introdução¹

Os países que compõem o continente africano vêm sendo sistematicamente apagados dos noticiários brasileiros durante a pandemia da COVID-19, como já era de costume mesmo anteriormente à pandemia. Esse apagamento ocorre até com os países com os quais o Brasil mantém históricas relações, como é o caso de Cabo Verde. Este país-arquipélago lusófono está localizado na costa ocidental africana, cuja capital, Praia, dista cerca de 650km de Dacar, capital senegalesa. Se uma boa parte da população brasileira pouco se interessa pela situação da covid-19 nesse país insular – e de modo geral com os demais países africanos –, esse não é o meu caso. Ainda na graduação, em 2017, fui acolhido pelas pessoas e questões referentes a essa jovem nação e desde então realizo pesquisas que as envolvem.

A mais recente, desenvolvida ao longo do meu mestrado, teve como objetivo observar alguns dos impactos do *boom* turístico vivido por esse arquipélago. Para dar uma noção a esse fenômeno, em 2019 o país recebeu 819.308 turistas (INE-CV, 2020), cifra esta que extrapola em 50% os 543.767 habitantes que o país tinha em 2018. Não à toa, essa atividade chegou a representar 1/5 do PIB cabo-verdiano durante a década de 2010. Se, sem dúvidas, a pandemia da COVID-19 atingirá diretamente os ganhos do país, que tem nos fluxos de turistas uma parte substancial da sua renda, ela vem atingindo a rotina daquelas que se aproveitaram da onda de abonação originada pelo turismo, como é o caso das artesãs que produzem(iam) peças de artesanato que eram vendidas como souvenirs para os estrangeiros que aportavam no país para gozar de férias.

Todavia, o turismo é apenas uma face dos fluxos que cortam e constituem esse país-arquipélago. Dada a sua localização geográfica no médio Atlântico, o país, cuja habitação continuada data do final do século XV, tornou-se paragem central dos navios que cruzavam o Atlântico Negro durante o tráfico de escravizados para as Américas. Ao longo do século

¹ Durante o período de escrita do presente artigo, o autor era bolsista do CNPq (Processo nº 141565/2020-9). Agradeço também leitura atenta e as contribuições de Sara Morais e André Justino, assim como as feitas pela parecerista ad hoc.

XX, fez das migrações o seu principal fluxo, que atingiu tamanha proporção que há estimativas de que existe o dobro da população do país na diáspora. Mesmo que minha análise pudesse partir de quaisquer desses fluxos, tomo o do turismo como meu guia por este figurar enquanto uma alternativa de aferimento de renda para as pessoas que ficaram no país.

Desta forma, meu objetivo neste relato é tecer uma reflexão inicial sobre as relações entre o coronavírus, o turismo e as artesãs em Cabo Verde. Para isso, divido esse relato em duas partes. Na primeira, traçarei os impactos e percursos da COVID-19 no país até meados de maio, tendo como norteadora a questão dos fluxos de percorrem o país, especialmente o turístico. Na segunda, focarei na reestruturação que a pandemia causou na rotina das artesãs de diferentes localidades da ilha de Santiago. Os dados aqui apresentados foram extraídos de notícias, publicações e conversas no *Facebook* com amigos cabo-verdianos.

Do boom do turismo ao boom do coronavírus

“Cabo Verde espera 1,1 milhões de turistas (...) em 2021, segundo o Governo” (Agência Lusa, 2019). Essa foi a manchete da reportagem veiculada pelo site de notícias SAPO no dia 11 de dezembro de 2019. Embora os dados sobre a quantidade de turistas que aportaram em 2019 nesse país-arquipélago ainda não estivessem disponíveis, o presumido sucesso da área gerava entusiasmo por parte de todos os setores atrelados ao turismo.

A animação com os resultados da área reiterou-se no dia 4 de março de 2020, quando foram divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE-CV) os dados referentes ao turismo em 2019, mostrando um crescimento de 7% na recepção de turistas em relação ao ano anterior. Nesse dia, o governo cabo-verdiano noticiou que esperava que, em 2020, o número de turistas aumentasse 6% no corrente ano em relação a 2019 (Agência Lusa, 2020a), mesmo que a situação do coronavírus já fosse preocupante em países como Itália e China, importantes nos fluxos migratórios e comerciais tecidos por/para Cabo Verde.

Enquanto a situação continuava razoavelmente tranquila e controlada no país, os turistas não paravam de chegar. Para dar ideia à intensidade dessa chegada, trago um trecho da carta enviada a mim por um amigo brasileiro que estava no país nesse período. De acordo com ele, entre o final de fevereiro e o início de março,

[a] Cidade da Praia² está mais povoada de europeus que nunca, é o que eu tenho percebido. Talvez, por estar circulando mais pelo Plateau, tenho notado isso, mas esses grupos enormes de 10 ou 15 andando juntos é a primeira vez que percebo (Comunicação pessoal - carta enviada por Roque³. Cidade da Praia, 7 de março de 2020).

² Capital de Cabo Verde localizada na ilha de Santiago.

³ Os nomes foram modificados para resguardar a privacidade das pessoas.

Esse contínuo fluxo de turistas para o país em meio a uma pandemia que já mostrava a sua face em alguns países europeus, mesmo que muitos ainda não tivessem encarado a gravidade da situação, parece ser um reflexo de um regime colonial que não tem fim. O mundo pós-colonial,⁴ que em tempos de “normalidade” já é visto como a casa de verão dos europeus, parecer continuar sendo utilizado enquanto refúgio quando ocorrem situações de risco nas suas terras natais. Por essa razão, muitas agências de turismo do norte global seguiam indicando Cabo Verde como um destino ideal durante a pandemia, como aponta o relato da Otelma Borges (BORGES, 2020), residente na ilha de São Vicente. Uma vez que a covid-19 ainda não havia chegado ao país, ele se tornou uma rota para fugir do risco do vírus, mesmo que essa fuga pudesse acarretar a contaminação da população local.

Se até a primeira dezena de março a gravidade que a pandemia assumiria em nível mundial poderia não estar tão nítida para as autoridades nacionais, a situação mudaria radicalmente até o final do mês. Em 17 de março, Ulisses Correia e Silva, primeiro-ministro cabo-verdiano, declarou situação de contingência no país e anunciou a suspensão de voos de países europeus, Brasil, Estados Unidos, Nigéria e Senegal. Ficaram proibidos também a acomodação e o desembarque de passageiros e embarcações provenientes desses países. A exceção em ambos os casos era apenas para repatriação de nacionais no exterior ou de estrangeiros no país, como foi o caso do voo brasileiro que trouxe meu amigo Roque para casa, assim como transportes cargueiros.

Embora a deliberação do governo tenha ocorrido nessa data, as companhias aéreas que ligam o país a outros já estavam em processo de suspensão de voos há quase três semanas. A Cabo Verde Airlines, recém-privatizada empresa que faz voos para o/a partir do país, deu início às suspensões ainda no final de fevereiro, começando pelos voos de/para Milão e Roma, na Itália, no dia 28/02 e seguindo para os que tinham Washington/EUA como origem ou destino em 06/03. No dia 12 de março foi a vez da rota Sal⁵ – Porto Alegre – Sal ser suspensa, muito embora outros três destinos brasileiros – Fortaleza, Recife e Salvador – tenham sido mantidos até a interrupção geral, em 17 de março. No dia seguinte a suspensão da rota para Porto Alegre foi interrompida a conexão da ilha do Sal com a cidade nigeriana de Lagos.

O fechamento das fronteiras áreas e marítimas não impediu que o vírus chegasse ao país. O primeiro caso foi registrado três dias após o isolamento do arquipélago, em 20 de março. A vítima era um turista inglês de 62 anos, que culminou em ser o primeiro caso fatal da doença registrado no país. Os dois casos positivos seguintes surgiram, assim como o primeiro, na ilha da Boa Vista, sendo ambos identificados em turistas. Essa concentração inicial dos casos em turistas na Boa Vista levou ao *lockdown*, com hóspedes e funcionários, do Hotel Riu Karamboa, onde os visitantes contaminados encontravam-se.

⁴ Entendo o mundo pós-colonial aqui no sentido apresentado por Mbembe (2001), que o vê como caoticamente plural, dotado de violências advindas do período colonial e desigualdades fomentadas pelo colonialismo.

⁵ A ilha do Sal é o atual centro do hub aéreo cabo-verdiano, além de concentrar 45,5% do total das entradas de turistas, seguida pela Boa Vista, com 29,4%, e Santiago, com 11,7% (INE-CV, 2020, p. 11).

Tal situação levou o governo a mudar drasticamente as expectativas para o turismo que foram apresentadas no início de março, muito embora a partir daí os casos tenham se concentrado entre os nacionais, como foram o quarto e quinto casos registrados no país. Eles foram notificados em um cidadão nacional que vinha da Europa e em sua esposa, que estava no país, sendo o primeiro caso de transmissão local, assim como foram os primeiros casos na Cidade da Praia. Esses casos apontam para o retorno de nacionais como um fator de disseminação do contágio.

Com a suspensão dos importantes fluxos que giram não apenas a economia do país, mas também as relações cotidianas, no dia 26 de março, Olavo Correia, ministro das finanças e vice-primeiro-ministro de Cabo Verde, compartilhou em sua página oficial no Facebook uma curta nota na qual estimava que “a economia de Cabo Verde vai perder cerca de 500 mil turistas este ano, em relação a 2019”.⁶ Com a concretização dessa estimativa na redução da entrada de turistas, o país retornará à marca atingida em 2007 (INE-CV, 2018), deixando-o distante do sonho do um milhão de visitantes, que vinha sendo almejado pelo partido da situação, o Movimento para a Democracia, para o ano de 2021. Outra redução esperada é no PIB nacional em 2020 de 4%, contra os 5,7% de crescimento em 2019.

Entre a notificação do primeiro caso e o dia 16 de maio, o país havia diagnosticado 328 casos, “distribuídos pelas ilhas de Santiago (269), Boa Vista (56) e São Vicente (03, todos recuperados), três óbitos e 85 doentes recuperados” (Agência Lusa, 2020b).⁷ Por conta dessa situação, José Carlos Fonseca, presidente de Cabo Verde, declarou Estado de Emergência no país pela primeira vez em sua história independente no dia 28 de março, que foi retirado das ilhas da Brava, Fogo, Maio, Sal, Santo Antão e São Nicolau no dia 27 de abril. Em 2 de maio, São Vicente deixou o Estado de Emergência, seguido pela Boa Vista em 13 de maio. Santiago, onde houve maior concentração dos casos, teve a situação prorrogada até o dia 29 de maio, quando passou a imperar o estado de calamidade. Assim, embora o turismo concentre-se nas ilhas balneares do Sal e da Boa Vista, os dados oficiais mostram que o epicentro da pandemia no país não se concentrou nelas.

Como a circulação de pessoas foi inviabilizada por conta da COVID-19, as atividades turísticas foram interrompidas. Contudo, as pessoas que vivem dela, especialmente de modo não-formalizado, não podem parar, uma vez que agregados domésticos inteiros podem depender da renda proveniente dessa área. Esse é o caso das dezenas de artesãs que têm nos souvenirs uma das suas principais fontes de renda. Sigamos para os casos daquelas residentes em Santiago para que percebamos os impactos e mudanças a nível micro causadas pela COVID-19.

⁶ Texto disponível em https://www.facebook.com/VicePMeMFOficial/posts/2756722264376333?__tn__=-R acesso em 18/05/2020.

⁷ Entre a primeira e a segunda versões desse relato, o número de contágios no país aumentou quase dez vezes. No dia 16 de agosto, o número de casos confirmados chegou a 3.163 e o de óbitos à 34. Com exceção da ilha do Fogo, todas as demais haviam registrado casos em quantidades muito variadas, com uma forte concentração na ilha de Santiago, especialmente na Cidade da Praia.

As artesãs desenrascando-se em tempos pandêmicos

A ilha de Santiago, que concentra cerca de metade da população do país, foi a mais atingida pela covid-19, especialmente sua parte sul, onde está localizada a Cidade da Praia. A ilha vinha despontando nos últimos anos enquanto um diferenciado roteiro turístico, uma vez que oferecia o turismo de sol e mar, mesmo que em menor quantidade se comparado com as ilhas balneares do Sal e Boa Vista; o ecoturismo com a Serra da Malagueta; e o turismo histórico-cultural, com os festivais de música que ocorrem na ilha, assim como a partir da Cidade Velha, primeira cidade colonial europeia nos trópicos e patrimônio mundial pela UNESCO. Um tanto atrelado a esta última vertente, emergiu na última década a produção de souvenirs “genuinamente” cabo-verdianos, a fim de gerar concorrência com aqueles advindos da Guiné, Senegal e China que dominam o comércio nas ilhas mais turísticas. Essa produção “genuinamente” cabo-verdiana é pautada, de acordo com as artesãs e associações de artesãs, por peças feitas por mãos cabo-verdianas, refletindo a história de Cabo Verde, preferencialmente a partir de matéria-prima da terra.

Esses souvenirs “genuinamente” cabo-verdianos são, em sua maioria, réplicas miniaturizadas de peças do cotidiano, como os fogões de barro, os *bindes* (cuscuzeiras), moringas, *panu di terra*, balaios e colares de *sibitchi*, ou mesmo estatuetas feitas a partir da folha da bananeira, entre outros. Em meio à ascensão dessa “disciplina” do turismo, muitas pessoas passaram a investir na produção dos souvenirs como forma de garantir a renda das suas famílias, seja a partir de produtos que elas já faziam para o uso cotidiano ou com peças cujo processo de produção foi aprendido nos últimos anos.

Assim, a produção de souvenirs entrou na vida dessas mulheres como mais uma forma de *desarrascar*, como foi colocado por elas durante o meu trabalho de campo. A palavra *desarrascar* é uma variação crioula do termo desenrascar. No contexto badio, ela tem uma forte ligação com as *rabidantes*, conjunto de mulheres que trabalham com os mais diferentes níveis de comércio e estão sempre procurando formas de garantir a reprodução econômica do seu agregado familiar, utilizando da sua habilidade em convencer possíveis clientes. Ela representa o constante improviso no qual essas mulheres estão inseridas, no qual elas precisam lançar mão de variadas frentes de aferimento de rendimentos para o seu agregado familiar, tendo em vista que elas vivem em um contexto econômico de escassez de fontes formais de trabalho.

Em um país no qual, de acordo com os dados do INE-CV (2018), 46,7% dos agregados familiares cabo-verdianos eram representados por mulheres em 2016, cuja situação fica ainda mais acentuada se olharmos para as famílias pobres, nas quais as famílias chefiadas por mulheres representam 61,1% do total (INE-CV et al, 2018, p. 68), não é possível para elas ficar parada esperando a ajuda chegar. A interdição das principais atividades de comércio do país, que são dominadas por mulheres, faz com que essas chefas de famílias precisem “vencer as dificuldades com o uso da criatividade e da esperteza”, como aponta Trajano Filho (2008, p. 250). Assim, os tipos de artesanatos produzidos vão se ampliando como forma de garantir

a reprodução econômica das suas casas, uma vez que muitas delas dividem o seu tempo entre os afazeres domésticos, cuidados como os animais, agricultura e cursos de formação.

Tendo em vista que elas estão inseridas em uma atividade laboral que tende para a informalidade, quando os potenciais clientes, que são em sua maioria turistas e emigrantes de férias no país, têm a sua circulação inviabilizada pela pandemia, como aquelas que se dedicavam exclusivamente à produção de artesanatos garantirão o seu sustento? Apesar da criação de políticas de apoio econômico às famílias que dependem de atividades informais para a reprodução econômica dos seus agregados familiares por parte do governo cabo-verdiano⁸, nem sempre esse apoio chega na velocidade e/ou quantidade necessária.

Para garantir a entrada de renda durante a pandemia, quando muitas associações de artesãs precisaram fechar as portas para evitar o contágio entre elas, muitas artesãs precisaram se *desarascar* e lançar mão de novas estratégias. Entre as iniciativas mais institucionais da produção de souvenirs “genuinamente” cabo-verdianos criadas ao longo da década de 2010 e que passaram por uma remodelação das atividades durante a pandemia está o projeto “Mãos de Cabo Verde”, gerido pela OMCV (Organização de Mulheres de Cabo Verde), uma organização não-governamental nacional voltada para a redução das desigualdades baseadas no gênero. Para garantir a reprodução econômica dos agregados familiares das mulheres envolvidas no projeto, a olaria e a tapeçaria abriram espaço para a produção de máscaras.

Em Santiago, a ONG concentrou essa produção em dois lugares. Em Santiago Sul, os trabalhos ocorrem na cooperativa de tecelagem de São Domingos, que era, em tempos “normais”, um ponto de encontro das mulheres dessa zona para produzir *panu di terra* e realizar atividades de corte e costura. Na parte norte de Santiago, o Centro de Formação da OMCV do Tarrafal abriu as suas portas, substituindo os cursos que lá ocorriam pela produção das máscaras. A atividade, que também ocorre nas ilhas de São Vicente e Sal, visa distribuir as máscaras gratuitamente para pessoas em situação de vulnerabilidade, enquanto aquelas que podem pagar pelo produto permutam-nos por alimentos e materiais de higiene, que também são revertidos para as os grupos mais vulneráveis.

Além da produção “coletiva” das máscaras, há também aquela individual. Rosário, famosa produtora de artesanato a partir da folha de bananeiras e milho, também precisou lançar mão de estratégias econômicas para garantir o sustento da sua casa, na qual ela é a chefe de família e onde moram os seus cinco filhos. Se estava acostumada a fazer itens de cestaria e estátuas a partir da palha da bananeira, Rosário agregou à sua lista de oferta máscaras, também produzidas a partir dessa matéria-prima amplamente disponível, assim como máscaras de tecidos, especialmente o *wax print*. Assim, ela tem gerado aferimentos para sua família, uma vez que o dinheiro do turismo não entrará tão cedo, visto que para

⁸ No dia 27 de março de 2020, o Ministro das Finanças divulgou em sua página oficial na rede social Facebook as medidas que o governo adotou para com essa parcela da população. Para ler na íntegra, acesse https://www.facebook.com/VicePMeMFOficial/posts/2758373640877862?__tn__=-R. Acesso em: 18/05/2020.

além dos souvenirs que produzia, sua casa e ateliê recentemente haviam ingressado na rota do turismo cultural na ilha, o que viabilizava mais recursos para ela.

Dessa forma, há uma mudança não só do produto ofertado e produzido por essas mulheres, mas também do seu público consumidor e na circulação desses objetos. Se os souvenirs eram vendidos para turistas, migrantes e comitivas de governo que estavam em missão oficial no país, sendo capazes de circular por todo o mundo e levar consigo elementos constitutivos da história e cultura da nação – neste caso da ilha de Santiago –, as máscaras são vendidas ou permutadas com vizinhos, parentes e amigos. Embora elas tenham uma circulação muito mais restrita que os primeiros, elas surgem justamente para inviabilizar a movimentação do vírus, que conseguiu ter uma capilaridade maior do que a dos souvenirs cabo-verdianos.

Se os souvenirs podem criar redes de afeto transnacionais, as máscaras reforçam teias de relação pré-existentes, reiterando a solidariedade do cotidiano, a ajuda mútua, o *djunta mon*.⁹ Ainda, a venda das máscaras acaba integrando a vida virtualizada que a pandemia impõe, uma vez que as artesãs passam a anunciar a produção e comercialização das máscaras com uma intensidade maior do que se fazia com os souvenirs, que costumavam ter apenas o seu processo de produção exposto nas redes sociais, como o *Facebook*.

Trago essa necessidade de encontrar novas formas de se *desarascar* em meio à pandemia para compreender que o coronavírus pode ser muitas coisas, menos democrático. Mesmo que as elites locais encontrem-se impossibilitadas de recorrerem ao sistema de saúde português durante a pandemia da COVID-19, como é recorrente em “condições normais de temperatura e pressão”, fazendo com que todos tenham que utilizar o sistema de saúde nacional, essa pretensa igualdade logo cai por terra quando olhamos a considerável parcela da população que se sustenta a partir de práticas informais de trabalho. Essa parcela da população precisa, além de não morrer de covid-19, não morrer de fome.

Como bem apontam Lima e Barros (2020), o modelo de medidas de isolamento feito para pessoas de classe média pertencentes a uma família nuclear patriarcal não é efetivo em todos os contextos. Uma vez que as estimativas do INE-CV em 2019 apontavam para o fato de que 43% da população cabo-verdiana vivia exclusivamente dos ganhos a partir do setor informal, um âmbito ocupado majoritariamente por mulheres-mães chefes de famílias monoparentais, é necessário perceber a pandemia intensifica vulnerabilidades em pessoas com marcadores sociais da diferença específicos. Olhando apenas para o setor turístico, já é factível que a pandemia atingirá a todos, contudo, ela atingirá os diferentes grupos de diferentes maneiras, compelindo aqueles que não têm grandes reservas de recurso que se *desarasquem* mais rapidamente.

⁹ *Djunta mon* é como é denominado o sistema de dádivas e contra-dádivas em forma de ajuda mútua em cabo-verde, que “assegura as trocas materiais num contexto de dificuldades e necessidades de garantir a sobrevivência” (ÉVORA, 2011, p. 11). Ele está especialmente vinculado ao mundo rural e às secas que assolam o país.

Se a covid-19 não é a primeira doença infecciosa que assola o país em seu período pós-independente, como apontam Lima e Barros (2020) ao trazerem as epidemias de cólera (1995), dengue (2009) e zika (2015-6), ela é, sem dúvidas, uma das mais impactantes – senão a mais – da sua história recente. O impacto que ela terá nesse país, notadamente reconhecido pelos seus fluxos, sejam eles turísticos, emigratórios, comerciais, interilhas, intrailhas e entre casas, é, sem dúvidas, uma questão que ainda demorará para ser respondida. Mas, se os impactos da pandemia estão longe de serem compreendidos em sua abrangência e as reflexões precisarão de tempo para serem amadurecidas, nem todas as perguntas podem esperar por respostas. Entre os grandes empresários do setor hoteleiro e as artesãs de Santiago, as urgências mostram-se distintas na vida pandêmica.

Referências bibliográficas

- AGÊNCIA LUSA. (2019). “Cabo Verde espera 1,1 milhões de turistas e 20.000 quartos em 2021, segundo o Governo”. *SAPO Cabo Verde*. 11 dez 2019. Disponível em: <https://noticias.sapo.cv/economia/artigos/cabo-verde-espera-11-milhoes-de-turistas-e-20-000-quartos-em-2021-segundo-o-governo>. Acesso em 11/05/2020.
- AGÊNCIA LUSA. (2020a). “Cabo Verde com recorde de quase 820 mil turistas em 2019”. *Expresso das Ilhas*. 04 março 2020. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/economia/2020/03/04/cabo-verde-com-recorde-de-quase-820-mil-turistas-em-2019/68243>. Acesso em 14/05/2020.
- AGÊNCIA LUSA. (2020b). “Covid-19: Cabo Verde regista terceira morte”. *DW – Made for minds*. 17 maio 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-cabo-verde-regista-terceira-morte/a-53470565>. Acesso em 18/05/2020.
- BORGES, Otelma. (2020). Cabo Verde. *Fundación Mujeres Por África*. 26/03/2020. Disponível em: <https://mujeresporafrica.es/en/otelma-borges-cabo-verde-2/>. Acesso em 23/04/2020.
- ÉVORA, Iolanda. (2011). *Djunta-mon em três tempos: pós-independência, imigração e transnacionalismo. Aspectos da experiência associativa cabo-verdiana*. Apresentado no X Congresso Luso-AfroBrasileiro de Ciências Sociais.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INC-CV). (2018). *Evolução e estatísticas do turismo por ilhas, 1999 a 2017*. Disponível em: <http://ine.cv/quadros/evolucao-de-estabelecimentos-capacidade-e-pessoal-ao-servico-1999-a-2015/>.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INC-CV). (2020). *Estatísticas do Turismo – Movimentação de Hóspedes - 2019*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INC-CV). (2018). *Mulheres e Homens em Cabo Verde Factos e Números 2017*. Disponível em: <http://ine.cv/publicacoes/mulheres-homens-cabo-verde-factos-numeros-2017/>
- LIMA, Redy Wilson; BARROS, Jandira. (2020). “Isto é uma guerra”: Cabo Verde e as medidas sociais de suporte à contenção do Covid-19. Observatório do CEMI – COVID

19 do PPGAS/Unicamp. Disponível em: <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-no-35/?fbclid=IwAR07GkKLjZzEtfzT0SJYvd58wo98CGIGUflq2er4JrYMPWPUxgCcSwKGXpM>. Acesso em: 28/04/2020.

MBEMBE, Achille. (2001). *On the postcolony*. Berkeley: University of California Press.

TRAJANO FILHO, Wilson. (2008). O precário equilíbrio entre improvisação e regras: reflexões sobre a cultura política da Guiné-Bissau. *Revista de Antropologia*, vol.51, n.1: p.233-266.

sobre o autor

Vinícius Venâncio

É doutorando e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, onde também se graduou em Ciências Sociais. Integra os Laboratórios de Etnologia em Contextos Africanos (ECO/A/DAN/UnB) e de Etnografia das Circulações e Dinâmicas Migratórias (MOBILE/DAN/UnB), assim como faz parte do Coletivo Negro Zora Hurston de estudantes negra/os do PPGAS/UnB.

Recebido em 31/05/2020

Aceito para publicação em 04/09/2020